

## **O QUE AINDA PODE A ARTE CONTEMPORÂNEA?: ALGUNS APONTAMENTOS PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA UNIVERSIDADE<sup>1</sup>**

### ***WHAT STILL CAN CONTEMPORARY ART?: SOME APPOINTMENTS FOR VISUAL ARTS EDUCATION IN THE UNIVERSITY***

Marcos Antônio Bessa-Oliveira / UEMS/NAV(r)E

#### **RESUMO**

Uma primeira questão é fato: assim como arte contemporânea parece “poder ser tudo”, as opções de interpretações sobre o que é o fenômeno da arte contemporânea também parecem ter possibilidades múltiplas. Por isso, este artigo traz alguns apontamentos sobre a arte contemporânea enquanto acontecimento dos ‘agoras’ e discute as “origens” do sistema da arte. A fim de subsidiar minhas aulas na graduação, a proposta deste artigo é evidenciar algumas das interpretações sobre arte contemporânea, na educação, no mercado, o sistema da arte, as políticas de arte, entre outros, ainda que sem esgotar o assunto, a partir de reflexões que buscaram compreender tal fenômeno como resposta às questões da atualidade.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte; Ensino de arte; Arte contemporânea; Epistemologias.

#### **ABSTRACT**

*A first question is fact: just as contemporary art seems “to be everything”, the options of interpretations on what is the phenomenon of contemporary art also seem to have multiple possibilities. Therefore, this article brings some notes about contemporary art as an event of the ‘agoras’ and discusses the “origins” of the art system. In order to subsidize my undergraduate classes, the purpose of this article is to highlight some of the interpretations on contemporary art, in education, in the market, the art system, art policies, among others, although without exhausting the subject, from of reflections that sought to understand this phenomenon as an answer to current issues.*

#### **KEYWORDS**

*Art; Art teaching; Contemporary art; Epistemologies.*

### **Das origens do fim – intenções!**

O que temos lido e escrito sobre arte contemporânea, nos últimos anos do século XX e no início deste século XXI, parece, cada dia mais, para os estudantes de Arte nas universidades, dificultar a interpretação da arte como um acontecimento de nossos “agoras” (CAUQUELIN, 2005). Se por um lado parece haver a possibilidade de dizer que “tudo” é arte, por outro, em espaços específicos (acadêmico institucional) definir arte contemporânea tornou-se, dadas as possibilidades disciplinares múltiplas de abordagem do fenômeno, mais difícil do que quando falamos, por exemplo, de arte clássica, moderna e até pós-moderna.

Apreendida de aspectos constitutivos em história da arte, a arte contemporânea explica-se muito bem pela abundância de “temas” circundantes aos muitos tempos em evidência na atualidade.<sup>2</sup> Se para uns é um momento de caos, em que toda má sorte do mundo parece ter vindo à tona em nosso presente, para outros e para a arte contemporânea, o presente tem como reflexo na arte exatamente aquilo que se espera: muitos agoras em decorrência simultânea na arte, no tempo e nos vários lugares de diferentes sujeitos. Já se pensarmos arte contemporânea como resultado também de agoras, em tempos históricos, geografias, sujeitos distintos, diferentes o que ainda é possível argumentar da arte contemporânea?

Mas para debater a arte contemporânea a partir dessa segunda apreensão, como resultado de agoras, evidencia-se a necessidade de ultrapassar a história da arte que decorre cronológica e temporal, num crescente clássico, moderno, pós-moderno e contemporâneo, para pensar a arte em seus tempos como acontecimentos. Logo, porque toda arte é um acontecimento em seu tempo, mas o “Estado contemporâneo” significa que esse sistema não é mais o sistema que prevaleceu até recentemente; ele é o produto de uma alteração de estrutura de tal ordem que não se podem mais julgar nem as obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema.” (CAUQUELIN, 2005, 15).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.

Da ótica apressada que toma a arte contemporânea como mau agouro dos agoras, que desconstrói a História da Arte consolidada no Ocidente, o acontecimento da arte contemporânea não é bem quisto. Haja vista que esta desconsidera aquelas construções “temáticas” e “temporais” tradicionais como únicos pontos para edificar-se como arte do agora e, igual, está baseada em lógicas como as artes clássicas, mas em outras também que parecem fazer-se presentes nos agoras do século XXI.<sup>3</sup> Portanto, a arte contemporânea está longe de ser uma resposta aos acontecimentos contemporâneos como proposta de destruição da história (da arte) ocidental que transcorreu, ainda que com percalços legitimados pela historiografia, de maneira mais branda do que e como se apresentam os fatos no presente.

Alguns críticos confundem desconstrução com destruição e consideram que suas obras destroem os primados metafísicos da filosofia; na verdade, Derrida mostra as tensões inevitáveis entre o desejo de coerência que governa a filosofia – e eu acrescentaria (como, aliás, ele o fez em diversos momentos) toda disciplina, área de conhecimento ou ciência – e as evidências de sua impossibilidade. (CORACINI, 2010, 128).

De certo, ao desconstruir a história da arte ocidental, que tem lógica *iconográfica* e de *influências* ao longo dos séculos, a arte contemporânea usa do direito de pluralismos e tolerância para trazer em relevo também os fatos do passado. Mas, através de uma roupagem que “a estética da pureza não se aplicará certamente, e dizer o que ali se aplicará requer que se ponha a nu bastante da anatomia comparativa entre obras de arte modernas e contemporâneas para se ver como, por exemplo, [...] quaisquer que sejam as semelhanças externas [...]. (DANTO, 2006, xvi). Análoga, em relação à arte histórico-clássica, de modo evidente, aquela também trouxe uma pureza da “temas”, “detalhes”, “estilos” e “técnicas” que, a meu ver, a arte contemporânea não preocupa em (não) ressaltar.

Tomada como acontecimento, a arte fica compreendida como um evento que ocorre por razões particulares e, ao mesmo tempo, gera consequências que vão fazer perdurar, ainda não se sabe bem ao certo como, questões de arte que esse acontecimento apresenta-nos na atualidade, por muito mais tempo. “Pelo menos

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.

para um filósofo com interesse nas artes, este é um momento maravilhoso para estar vivo.” (DANTO, 2006, xxiv). Seja como acontecimento não catártico grandioso, mas por questões de ordem social, política, cultural e econômica que assolam a contemporaneidade mundial, a arte contemporânea “é uma das muitas coisas que caracterizam o momento contemporâneo da arte – ou o que denomino o “momento pós-histórico” – que não há mais limites da história”. (DANTO, 2006, xvi). O acontecimento que estou priorizando nesta discussão, “Infelizmente não se trata, no caso, de arte contemporânea no sentido estrito do termo – a arte do agora, a arte que se manifesta no mesmo momento e no momento mesmo em que o público a observa.” (CAUQUELIN, 2005, 11). Mas, falo da arte que representa que “o nosso é um momento, pelo menos (e talvez unicamente) na arte, de profundo pluralismo e total tolerância. Nada está excluído.” (DANTO, 2006, xvi).

Assim, ponho em evidência na discussão uma arte contemporânea também atemporal. Quer dizer: se estou pensando em uma arte que está tratando dos muitos ‘agoras’, igualmente quero trazer à baila uma arte que esteve circunscrita em seus tempos-espacos, pois “a arte contemporânea, por outro lado, não dispõe de um tempo de constituição, de uma formulação estabilizada e, portanto, de reconhecimento.” (CAUQUELIN, 2005, 11) Mas, de certa forma, esta é a arte que se coloca como incógnita aos diferentes indivíduos na contemporaneidade (estudantes, professores, espectadores, críticos e historiadores) – talvez pelas “duplicidades” de probabilidades – por evidenciar muitas possibilidades em todas as suas situações: social, política, cultural e econômica, bem como de “temas”, “detalhes”, “estilos” e “técnicas” que geram incompreensões.

Há certo consolo em saber para onde tem se conduzido como fato histórico. Glorificar a arte de períodos anteriores, por gloriosa que ela possa ter sido, é o mesmo que desejar uma ilusão como sendo a natureza filosófica da arte. O mundo da arte contemporânea é o preço que pagamos pelo iluminismo filosófico, mas essa, é claro, é somente uma das contribuições à filosofia que compõem a sua dívida para com a arte. (DANTO, 2006, xvii).

Agora, a primeira questão que se apresentou como explicação do fenômeno arte contemporânea – já que os esclarecimentos científicos coexistem sobre o acontecimento junto às interpretações subjetivas – em que *nada está excluído*, aponta luz sobre as dúvidas existentes. Do Pré-histórico ao Modernismo europeu, que tem ilustração, ora mais, ora menos, de práticas artísticas brasileiras, as iconografias e influências ficam evidentes para todos aqueles que estão envolvidos aos “sistemas” da arte. Mas, ao abordar a arte contemporânea no ambiente universitário, a exemplo de acadêmicos iniciantes de um curso de Arte, esta se situa bem mais problemática dada as expectativas fenomênicas e subjetivas dos agoras.

### **Alguns apontamentos sobre arte contemporânea**

Ainda que pensados como apontamentos disciplinares, a discussão que segue não tem pretensão de esgotamento do assunto arte contemporânea na universidade. Pelo contrário, espero que estes (meus) apontamentos sirvam para outros leitores, bem como ambiciono que outras pesquisas insistam no debate acerca da arte contemporânea como fenômeno importante para a atualização epistêmica em torno da arte, haja vista a dinâmica de acontecimentos da própria arte contemporânea como situação. Quer seja em lugar ou em data diferentes, a arte contemporânea ainda é, para alguns, entrave de abordagem quando desvinculada do “[...] espírito *connoisseur*, nem em termos das preocupações do historiador de arte, quais sejam, a iconografia e as influências.” (DANTO, 2006, xvii).

*Ora direis puxar conversa* acerca da arte contemporânea evidenciando abordagens disciplinares (enquanto estudos de áreas) específicas, a fim de subsidiar minhas aulas na graduação, bem como de ilustrar outras interpretações sobre arte contemporânea, acerca das minhas, na educação, do mercado de arte, dos sistemas que compõem a arte, das políticas de arte, entre outros, a partir de reflexões que buscaram compreender a situação da arte como resposta às questões da atualidade. Digo: as inter e multi, até trans relações culturais; migrações e imigrações em contextos Ocidental e Oriental; adventos políticos, sociais e

econômicos que reforçam uma reestruturação das diferenças culturais a partir de hegemonias. Entre outros acontecimentos que acabam por esbarrar nas disciplinas (de Arte em qualquer linguagem e situação) institucionais.

Certamente, dada à complexidade das questões, a discussão até poderá parecer reducionista. Mas, assim como não pretendo resolver todas as boas problemáticas que nos coloca a arte contemporânea nos diferentes campos de estudos hoje, especialmente História, Teoria e Crítica de Arte, também não consigo, dado também este espaço – mas a importância geo-institucional é o melhor lugar para lançar a discussão – aprofundar todas as discussões sobre arte contemporânea de todos os estudos de áreas. Assim, estou aqui propondo apontamentos, acerca das discussões de autores que abordaram a arte contemporânea, a partir de alguns outros estudos de áreas como proposta de articulação da temática em aulas de cursos de Arte.

Considerando a brevidade da situação hoje da educação pública brasileira, de implementação de documento (BNCC) que normatiza a Educação Básica à cortes de verbas na Superior, entendo que iniciar esses apontamentos pela relação Educação e Arte é fundamental para conseguir abordar outros estudos da questão. Primeiramente porque é na Educação que se tem a cultura de “formação” como ponto chave de construção do sujeito. Segundo, exatamente porque é a formação que possibilita a construção de outros campos de saberes, estudos de áreas, que hoje dialogam com a arte. Explico melhor, trata-se da velha lógica de que “sem um professor não existe outra profissão no mundo”. Portanto,

Estas considerações põem em relevo a necessidade de se pensar a arte na escola no horizonte das transformações contemporâneas, da crítica das ilusões da modernidade, da reorientação dos seus pressupostos – o que implica pensar o deslocamento do sujeito, a produção de novas subjetividades, as mudanças no saber e no ensino, a descrença dos sistemas de justificação morais, políticos e educacionais, a mutação do conceito de arte e das práticas artísticas e as mudanças dos comportamentos. (FAVARETTO, 2010, 229).



Logo, pensar na arte contemporânea na escola é repensarmos os sistemas sociais que estão hoje evidentes na contemporaneidade. E que, do mesmo jeito, continuam ancorando a Educação, nos diferentes pressupostos, e muitas vezes através da Arte. A noção que ainda impera, da educação básica ao ensino superior – no caso deste último, mais aos acadêmicos dos anos iniciais – “[...] é a crença no caráter formativo da arte, o que hoje não se tem claro e precisa ser devidamente justificado.” (FAVARETTO, 2010, 226). Haja vista, especialmente, a ideia de que a instituição escolar/acadêmica precisa atender à demanda da eficiência do estado ou do mercado de trabalho e do consumo como necessidades básicas. (FREIRE, 2011).<sup>4</sup>

A formação em Arte tem reconhecido um esforço hercúleo do Estado-Nação e de Corporações para fazer valer uma educação que evidencie uma lógica cartesiana de *querer ter* em detrimento do *querer ser*, que, na “[...] realidade, a formação visada pela educação reconhece a moral e a estética como domínios racionais, denunciando os limites da racionalidade científica unificadora e totalizante.” (FAVARETTO, 2010, 228). Pois, incutiu-se no sistema educacional brasileiro a ideia de crescer para estudar, trabalhar e consumir a fim de *sobre-viver* em sociedades modernas como se o sujeito fosse “uma matéria passiva” (RANCIÈRE, 2015, 25). Enquanto que, na arte, “aquilo que aí se denomina «estética da sensibilidade» tem uma clara intenção de matizar os efeitos, na formação, no indivíduo e na cultura, dos excessos da racionalidade instrumental” (FAVARETTO, 2010, 228) para desfazer o racional operado agora, contra um “capitalismo artista” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, 130), através do contraditório da arte contemporânea, imposto pelos sistemas que homogeneízam diferenças culturais em defesa de ascensão na sociedade do trabalho e do consumo.

O contrário a toda esta articulação de uma educação da eficiência é que a arte contemporânea, igual ao tempo de agora, são decorrências dos *pluralismos* e da *total tolerância* (DANTO, 2006) e das divergências. O indivíduo e o momento contemporâneos estão em vias de “contingência e imanência, historicidade, [que] é o lugar desse pensamento da atualidade.” (FAVARETTO, 2010, 229). Não diferente,

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.

do cenário atual da arte na educação, “o que se quer dizer então é que, apesar de todo nosso empenho na educação como transformação, da nossa aposta no devir, o sentido metafísico de formação permanece” (FAVARETTO, 2010, 230) através da razão da *criatividade*. As instituições de ensino, dadas as circunstâncias, estão obrigadas a trabalhar, cada vez mais, na busca pela historicidade/criatividade desenvolvimentista até na arte contemporânea que ilustraria melhor suas imprevisibilidades aos sistemas político e econômico.

A financeirização da cultura e, por extensão, da arte é o cenário encontrado para se repor o problema da natureza do objeto artístico – como mercadoria (produto) e como patrimônio cultural (obra). O horizonte da arte se coloca na notória dialética entre o público e o privado. Na condição de mercadoria, a arte e suas características “especiais” possibilitam um incremento da exploração econômica que vai de encontro às mais recentes estratégias utilizadas pelo mercado de arte – o leilão, a feira e a galeria. (FERRAZ, 2015, 118).

Graças aos sistemas impetrados pelo Estado-Nação – que ora é o maior financiador, ora não é nada na arte no contexto público (patrimonial) – ou do mercantil das Corporações, da educação às grandes empresas tecnológicas, que alimentam um mercado privado de arte, cultura e conhecimentos (como produto), a produção contemporânea tem sido afetada diretamente por barreiras capitalistas: do artista ao sistema da arte, o agenciamento por moeda mercantil tem situado a produção contemporânea na disputa também por cotas nas bolsas de valores importantes do mundo. Ora temos um nome que desponta/alavanca a arte contemporânea, outrora é exatamente por ser esta vista como tal que determinada obra tem a circulação barrada por sistemas comerciais.

Também o artista é tornado um agente do mercado, e a arte, sobretudo a contemporânea, de contratempos e contradições, é ponto de fusão entre o que pode ainda a arte na atualidade e como o sistema agencia o contemporâneo pondo-o em circulação: da educação a espaços improváveis. Pois, se antes o público “administrava” entender a arte sendo capaz de interpretar suas razões, propondo até formação como função desta razão, agora, bem recente, o público parece ficar a



espera de explicações sobre o contemporâneo da arte, e “neste caso tratar-se-ia da adesão do público a uma ideologia, a uma idéia convencionada do que devem ser a arte, o artista, o mercado e o aficionado.” (CAUQUELIN, 2005, 13).

Parece haver uma “artificialidade da estrutura vigente” (FERRAZ, 2015, 120) na concepção da arte contemporânea que não permite ao público saber de fato em que medida se compõe o que ele não entende por ser arte. Pois, até nos espaços acadêmicos da Arte as divergências de explanações desse ambiente comercial são muito grandes. De estratégias mercadológicas que se constituíram no atual sistema da arte: do Estado-Nação que penhora bens públicos para supervalorizar cidades, às instituições privadas – supervalores onde o público não reconhece valor; autopromoção de artistas, galeristas, *marchands* e até das instituições; e táticas de comercialização que distanciam o público geral daquela arte –, o público sente-se e é tornado um mero espectador de um sistema cada vez mais alheio da sua realidade sociocultural e, mais ainda, econômica.

A conclusão a tirar desse estado de coisas é que o público se apercebe de um conjunto, de um domínio cujos elementos não são separáveis, e não – como ele desejaria e como se poderia imaginar que fosse – de obras de artistas de um lado e uma rede de distribuição econômica de outro. Ele está diante de um conjunto complexo cuja articulação não percebe e que, na tentativa de distinguir as obras propostas à sua apreciação, não consegue destacar de uma espécie de grande ‘imbróglio’, que percebe confusamente. Esse público se sente ludibriado, e não são as informações – cada vez mais numerosas, porém dispersas e pontuais – fornecidas por revistas, jornais, catálogos ou trabalhos especializados que podem instruí-lo a respeito desse mecanismo. (CAUQUELIN, 2005, 14).

As questões da arte contemporânea e seu sistema ilustram tais afirmativas, à medida que mesmo o acadêmico de Arte, que se esforçando para compreender além das técnicas, suportes, linguagens e temas as produções da Pré-história ao Modernismo Europeu – sem incluir as Vanguardas (que não *partilham o sensível* (RANCIÈRE, 2005)) –, tem dificuldades de aceitação da ideia de que o mercado sempre regeu o universo da arte. Pois, na história, de uma forma ou de outra, bem

ou mal, pretensões sempre estiveram acerca da produção artística: estampa do real nas cavernas, domínio de Deus, ou por defesa de propósitos sociais, político ou econômicos, o artista sempre esteve vinculado aos sistemas sociais humanos. Nunca houve uma arte sem sociedade a ser decifrada e, do mesmo modo, não haverá sociedade sem representações da arte a fim de decifrá-la.

Como vem sendo relaxado o gosto em várias décadas podemos exemplificar o que aconteceu com o espetáculo que em 1941 mostra Duchamp na cidade de Colônia, na qual, por sua atitude escandalosa para a época, se questionou seu Ready Made. A proposta conceitual desses trabalhos hoje é aceita e integrada à plástica do dia a dia. [...]. Agora, esses exemplos já são história, você pode compartilhar os postulados estéticos ou não, mas você não pode negá-los, não podemos ignorar sua existência e as influências que exerceram na arte de nossos dias. (COLLAZO, 2007, 68)<sup>5</sup>. (Tradução livre minha)

Também, não poderemos fazer daqui algum tempo, sobre a arte contemporânea, assertivas diferentes tendo as múltiplas possibilidades que os artistas hoje nos colocam. Assim, questionar a *iconicidade* ou *influências* nesta arte, não que não as tragam, referências não se colocam mais como únicas explicações desta, para explicá-la melhor ao grande público (mesmo aos do sistema da arte), torna-se exaurimento de ideias *universal* e de obras *duradouras* na arte. Logo, da arte contemporânea, devemos ter em questão como determinadas coisas se articulam/inscrevem a título de construção/constituição dessa produção que nos coloca em xeque e choque no momento em que emerge. Ou seja, o que é o novo em arte que a torna contemporânea? E: “Quais são as mudanças que se manifestam em profundidade e como distingui-las?” (COLLAZO, 2007, 67)<sup>6</sup> (Tradução livre minha). E até em relação ao que se colocou como arte no passado.

A idéia, por exemplo, de uma continuidade ao longo de uma cadeia temporal marcada pela inovação: a velha noção de progresso, que, embora em geral contestada no domínio da arte, prossegue perseverantemente seu caminho (como prova: as vanguardas, a noção de progressão), a idéia de arte em ruptura com o poder instituído (o artista contra o burguês, os valores da recusa, da revolta, o exilado da sociedade), a idéia de um valor em si da obra, valendo para todos (a autonomia da arte, desinteressada, suspensa nas nuvens do idealismo), a idéia de comunicabilidade universal das

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.

obras baseada na intuição sensível (a questão do gosto, ao qual todos têm acesso), a idéia do 'sentido' (o artista dá sentido, abre um mundo, expõe à vista a verdadeira natureza das coisas, "a natureza se serve do gênio para dar suas regras à arte", dizia Kant). (CAUQUELIN, 2005, 17-18).

Estas questões se apresentaram bem até a arte do século XX! São questionamentos que estavam, muitas vezes, acercados de teorias herdadas do século XVIII e, quando muito, referidas em epistemologias do XX. Dos primeiros as reflexões permaneciam postas por perspectivas romantizadas de ancoragem filosófica político-social burguesa e, no segundo caso, de anseio social panfletário que atribuíam à arte, por crítica social, a ideia de arte para todos. Esses dois pontos, ainda hoje, envolvem-nos impedindo de avançar a compreensão da arte de nosso tempo, a Arte Contemporânea, para além dos pragmatismos postos com a modernidade. A maior questão está ainda em que "precisamos, portanto, atravessar essa cortina de fumaça e tentar perceber a realidade da arte atual que está encoberta." (CAUQUELIN, 2005, 18).

### **Considerações – fins dos agoras, além das origens**

Ao certo, como coloquei em situação aqui, do que ainda pode a arte contemporânea (?) se expande pelos diferentes públicos e, também, dentre os diferentes estudos de áreas e sistemas da arte. Logo, os apontamentos propostos poderiam ser mais longínquos, aprofundados e diversificados – dadas as múltiplas abordagens da arte contemporânea –, haja vista esta mesma situação complexa que nos coloca a arte e nossos agoras. Mas adverti que o espaço físico permissível para este artigo não contemplaria os anseios e impede delongar o assunto já corriqueiro, mas que se coloca igual, cotidianamente, nas aulas, nos textos que lemos e escrevemos e, ainda nas produções que observamos/produzimos. A questão maior está em nos colocarmos abertos para a apreciação/aproximação de uma arte que contradiz o contraditório e se constitui de contradição à tradição iconográfica e influenciável da história da arte. "Em outras palavras, [precisamos] ver de que forma a arte do passado nos impede de captar a arte de nosso tempo." (CAUQUELIN, 2005, 18).

Do meu prisma de observação, precisamos captar da arte contemporânea as questões geoespaciais que estão envoltas à sua produção. Pois, ao advertirmos da arte contemporânea o seu espaço geográfico, inverteremos a lógica moderna e pós-moderna como únicas formas de observar a produção artística do mundo pela opção historiográfica: registrada em um tempo específico e com valor cumulativo de tempo após tempo. Assim, ao fazer a opção pelo espaço da arte contemporânea, ou poderíamos falar de espaços, poderemos evidenciar que é o passado quem *nos impede de captar a arte do nosso tempo*. Logo porque é o tempo-passado que impõe ao futuro a condição de continuísmos, ou como advertiu Danto (2006), é o passado que reforça ressaltar a iconografia e o compromisso do presente com a influência histórica vinda do passado. Do mesmo modo, são nos diferentes espaços geográficos que se registram os presentes que compõem o que reconhecemos hoje contemporâneo que também se fez como presente (contemporâneo) dos passados históricos. Assim, é imprescindível reconhecer que nem toda história faz o presente, mas, ao se rememorar a arte contemporânea, é irrefutável reconhecer que em todos os espaços fazem-se agora diferentes presentes.

A arte contemporânea não se coloca no simplesmente “tudo pode”. Do mesmo jeito a arte contemporânea não estará para o “nada é arte”. Mas é evidente que há diferentes abordagens possíveis. Além disso, perceber a arte dos agora por lógica única, me parece ser ainda a pior das questões para entender partes do todo! Exatamente porque o todo parece ainda mais, atualmente, incompreensível através de uma única lógica disciplinar. Os embates entre arte e educação, arte e mercado da arte, arte e sistema da arte, arte e público se colocam como questões discutíveis de diferentes áreas, pois, apenas dessa forma podemos perceber o que ainda pode a arte contemporânea que, por mais que fosse uma meta da arte moderna, os artistas, críticos e historiadores pareceram estar impossibilitados de alcance. Em se tratando do nosso tempo e da produção que dele emerge, há *dois mundos confrontados, o moderno e o contemporâneo, o tempo todo, e seus mecanismos de produção e de distribuição*, como apontam leituras dos sistemas mercadológicos da

arte atual, estão em livre ampliação. O que, de modo bastante evidente, parece nos colocar a arte é que os estudos de áreas buscam, cada vez mais, fazer a *descrição de sistemas* que apenas se colocam com a arte contemporânea.

## Notas

<sup>1</sup> Este trabalho é parte das discussões que venho desenvolvendo acerca do ensino, pesquisa e produção artística na Disciplina de História (e Teoria) da Arte, ministrada no 1º ano do Curso de Artes Cênicas – Licenciatura – na UEMS, e está vinculado a um Projeto de Pesquisa de Estágio de Pós-Doutorado em desenvolvimento na FAALC/UFMS – intitulado “Arte, Cultura e História da Arte Latinas na Fronteira: “Paisagens”, Silêncios e Apagamentos em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses” – que por sua vez está vinculado ao Projeto de Pesquisa cadastrado na PROPP/UEMS – Cadastro de nº 1271/2015 DP – intitulado “Arte e Cultura na Fronteira: “Paisagens” Artísticas em Cena nas “Práticas Culturais” Sul-Mato-Grossenses”, junto ao CNPq através do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas, desenvolvidos no curso de Artes Cênicas e junto ao PROFEDUC também da UEMS/UUCG. Esta é uma versão que foi reduzida para atender às normas do evento, mas já tem uma outra versão que está sendo ampliada para subsidiar as aulas de História e Teoria da Arte I e II (a serem desenvolvidas a partir de 2020 no curso) que passa a ser efetivamente uma disciplina menos historiográfica cujo ponto alto será a relação com a arte contemporânea local.

<sup>2</sup> Comumente analisada pela ótica temporal – cronológica – a arte contemporânea é explicada pela maioria das leituras críticas como um tempo de ações artístico-culturais inexplicável. Haja vista que esta lógica faz prevalecer ainda uma sobreposição do passado, pelo presente, até um futuro que têm, sempre, um nascedouro em tempo histórico. Logo, a ampliação em construção deste artigo está argumentando da Arte Contemporânea latina, por exemplo, pela ótica dos espaços geográficos. Assim, defendendo uma desvinculação da arte de nosso agora com uma arte de outros agoras passados. Portanto, uma arte atemporal, mas geoespacial que se dá por emergências *outras*.

<sup>3</sup> O pleonasma do termo agoras é proposital, especialmente porque estou tentando demonstrar a relação da arte contemporânea com particularidades bastante específicas do contexto atual que as produções históricas não tiveram tempo de se relacionar.

<sup>4</sup> Em uma série de publicações, Paulo Freire é sintomático desta questão – mercado de trabalho e mercado de consumo – mesmo ainda em relação à educação contemporânea. Desde seus primeiros escritos o estudioso da educação brasileira, registra-se que grande parte desses estudos teve que ser “descrito” de fora do Brasil, apontou a divergência entre uma educação para o sujeito, a *partir deste*, em decorrência da praticada, uma educação do sujeito. Entre as abordagens do autor existentes, alguns termos, neste sentido, são fundamentais para ilustração da discussão: *Pedagogia do oprimido; Educação bancária; Pedagogia da esperança; Pedagogia da pergunta*, etc, que seriam divergentes da pedagogia de formação pela criatividade – ainda mais técnica – hoje defendida pela Base Nacional Comum Curricular (2017).

<sup>5</sup> “De cómo se há ido flexibilizando el gusto en varias décadas lo podemos ejemplificar con lo sucedido con la muestra que en 1941 exhibe Duchamp en la ciudad de Colonia, en la que por su actitud escandalosa para la época, se le cuestiona su Ready Made. La propuesta conceptual de esos trabajos hoy son aceptados, y se hayan integrados en la cotidianidad plástica. Otro tanto se puede decir del surgimiento del Dada en 1916 en Zürich, así cómo otros variados ejemplos. Ahora bien, estos ejemplos son ya historia, se podrá compartir los postulados estéticos o no, pero no se los puede negar, no podemos desconocer su existencia y las influencias que ejercieron en el arte de nuestros días.” (COLLAZO, 2007, 68).

<sup>6</sup> “Cuáles son los cambios que se manifiestan en profundidad y como distinguirlos?” (COLLAZO, 2007, 67).

## Referências

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. *In*: MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 ago. 2017.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. Tradução Rejane Janowitz. São Paulo: Martins, 2005. (Coleção Todas as artes).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.



COLLAZO, Alberto. Las nuevas funciones del arte y del artista. **Arte e cultura da América Latina/ Sociedade Científica de Estudos de Arte**, São Paulo, v. 16 (2ª sem 2006), p. 65-73. CESA: Terceira Margem, 2007

CORACINI, Maria José R. F.. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobrevivência. **Cadernos de Estudos Culturais**: crítica biográfica, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 125-136, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4492/3431>. Acesso em: 12 mar. 2019.

DANTO, Arthur C.. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

FERRAZ, Tatiana Sampaio. Quanto vale a arte contemporânea?. **Revista Novos estudos. – CEBRAP** [online], São Paulo, n.101, p. 117-132. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002015000100006>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FAVARETTO, Celso F.. Arte contemporânea e educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid (España), n. 53, Evaluación de la educación: ¿producción de información para orientar y sustentar las políticas educativas? Artículos del monográfico, p. 225-235, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/41563847.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão. 1ª ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª ed.. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª ed.. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.

### **Marcos Antônio Bessa-Oliveira**

Professor do Curso de Artes Cênicas-Licenciatura, na Cadeira de Artes Visuais, e do Mestrado Profissional em Educação/PROFEDUC da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS/UUCG. Doutor em Artes Visuais (IA-Unicamp) e Graduado em Artes Visuais. Líder do Grupo de Pesquisa **NAV(r)E**–UEMS/CNPq. Está realizando Estágio Pós-doutorado na FAALC/UFMS, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. ORCID iD – <http://orcid.org/0000-0002-4783-7903>. Contato: marcosbessa2001@gmail.com.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O que ainda pode a arte contemporânea?: alguns apontamentos para o ensino de artes visuais na universidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 236-249.